



A Minha História

Quem sou eu?

Eu sou a Vivi, muito prazer em conhecer você, infelizmente vou falar sobre um assunto inconveniente, mas que tem afetado muitos locais, hoje consigo falar com mais clareza o que vivi e compreendo melhor o que aconteceu, queria poder dizer que estou 100% curada, mas isso seria mentira, mas espero que o que aprendi neste período te ajude de alguma forma.

Antes de tudo, se você não veio de um lugar assim, que bom, fico feliz por você não ter passado por isso, mas acredite, **tudo que estou escrevendo é verdade**, isso realmente acontece, infelizmente sei que há casos ainda piores que o meu, se chegar alguém assim até você, acredite, ambientes onde a Palavra de Deus é distorcida existe, e causa um dano gigantesco, meu desejo com este escrito é ajudar quem passou por isso, alertar aqueles que podem vir a se identificar em um ambiente assim e também ser uma voz para aqueles que não conseguem nem expressar o que passaram.

São vários os processos pelos quais passamos. Aqui, vou relatar muito do que vivi — e também experiências de amigas que passaram por caminhos parecidos.

Cada processo é único, porque **nós somos únicos**. Mesmo que duas pessoas saiam do mesmo ambiente, cada uma lida de forma diferente com a dor, com o tempo e com Deus.

Alguns processos acontecem separadamente; outros, se desenrolam ao mesmo tempo. Enquanto estamos passando por eles, tudo parece confuso e sem sentido. Mas, conforme caminhamos com Cristo, as coisas vão se organizando.

Acredite: **não importa em qual fase do processo você esteja — vai passar.**

Essa é uma experiência difícil, cheia de emoções e sentimentos contraditórios. Em certos momentos, sentimos **alívio, culpa, amor e raiva** — tudo isso ao mesmo tempo, e às vezes pela mesma pessoa ou pela mesma situação.

Meu objetivo com este relato **não é apontar o dedo**, mas **estender a mão** a quem precisar de ajuda para superar essa fase.

Falo com a consciência de quem viveu isso e experimentou a cura do Senhor — inclusive em áreas que talvez eu nem compreendi ainda totalmente.

Mas sinto, no coração, que passei por esse processo por um propósito.

Quero começar contando um sonho que tive.

Fazia cerca de dois anos que eu havia saído da igreja onde conheci a Cristo.

(Depois, contarei um pouco mais dessa história, caso você ainda não a conheça.)

No sonho, eu via uma casa totalmente em ruínas — como depois de um terremoto ou daqueles tornados americanos em que restam apenas os escombros.

E eu entendi: aquela casa **era eu, tudo que eu conhecia, quem eu era tinha desmoronado, mas o alicerce, ele continuava ali inteiro, era tudo que eu tinha.**

Era assim que eu estava — **devastada por dentro. Totalmente destruída.**

Mas havia algo que jamais poderia ser abalado: **minha fé em Cristo.**

Eu sabia que minha conversão havia sido genuína. Sabia quem eu era antes de conhecer Jesus e o quanto Ele havia transformado minha vida. E, apesar de toda a dor, eu tinha uma única certeza:

“Eu não queria voltar a ser a velha Vivi.”

Mas será que eu conseguiria sobreviver a toda aquela perda?

Talvez, se você nunca passou por isso, ache que é exagero. Eu também pensava assim antes de viver tudo o que vivi. Mas acredite — é exatamente assim: **devastador.**

Como disse antes, **essa é a minha experiência pessoal.**

Pode ser que o seu processo tenha sido diferente — e graças a Deus por isso!

Mas talvez você tenha enfrentado situações ainda mais dolorosas.

E eu quero te lembrar: **o mesmo Deus que me curou também pode curar você.**

Espero, de coração, que este relato te ajude — que te encoraje, te fortaleça e te ofereça ferramentas para superar essa dor com fé e esperança.

Minha história

A pandemia e o despertar

O mundo inteiro parecia em colapso. Um vírus desconhecido se espalhava, as pessoas viviam assustadas, e ninguém sabia exatamente o que estava acontecendo.

Sabíamos apenas que era algo parecido com uma gripe — mas com consequências terrivelmente piores.

Em meio a tudo isso, preciso te localizar.

Sou brasileira, nascida e criada no Rio de Janeiro, e moro no Japão desde os 17 anos.

Em 2020, eu tinha 38 — ou seja, já havia vivido mais tempo no Japão do que no Brasil.

A pandemia trouxe mudanças profundas. Com o lockdown, pessoas em casa, no Brasil foi mais intenso do que aqui neste sentido, pessoas não podiam sair de casa, comércios pararam, e o mundo se tornou digital da noite para o dia.

Para mim, isso significou algo bom: **acesso**.

De repente, tudo o que antes era presencial — cursos, aulas, conferências — passou a acontecer online.

Antes, eu escrevia para organizadores de eventos no Brasil pedindo para assistir de longe. Dizia que pagaria o valor integral, só queria acompanhar de forma remota. A resposta era sempre a mesma: “não é possível.”

Mas a pandemia mudou tudo.

Agora, eu tinha opções em escolher o que assistir. O meu mundo se abriu.

Foi assim que comecei a ter acesso a **diferentes aprendizados teológicos**.

E não, não há problema nenhum em estudar e aprender, não foi o estudo que me fez mal, foi reconhecer que haviam distorções, mentira, manipulação, esse é o verdadeiro problema, é por isso que locais onde isso ocorre, não é incentivado o estudo saudável da Palavra de Deus, pois conhecereis a verdade e ela vos libertará, mas como ser livre dentro de um sistema de enganos e mentiras?

Sempre gostei de aprender. Desde que me converti, em 2007, lia livros, fazia cursos, participava de tudo que minha igreja oferecia.

Mas havia um limite invisível: eu só lia o que confirmava a teologia do meu próprio grupo.

Era como viver em um sistema fechado, **um ciclo que se auto alimentava**.

E ali estava eu — uma crente há 13 anos — que **não sabia quem era Calvino, que nunca havia estudado a história da Igreja**.

Entrei em um curso sobre “bolha religiosa”. Eu sabia que precisava daquele ensino — só não imaginava que o que aprenderia ali mudaria completamente a minha vida. Sou grata a Deus por esse tempo.

Percebi que muitas das doutrinas e práticas que eu havia aprendido estavam mais enraizadas em tradições humanas do que na Palavra de Deus. Foi um tempo de expansão, mas também de dor.

Descobrir que parte daquilo que eu considerava “verdade” não passava de distorção trouxe um conflito interno profundo.

No início, eu tinha orgulho da minha igreja. Eu não me via como uma das pessoas feridas, decepcionadas ou manipuladas espiritualmente — achava que estava em um lugar diferente (risos nervosos — eu ainda não sabia...).

Para mim, a minha igreja era **a mais santa da face da terra**. Ninguém buscava santidade como nós. Não dávamos “brecha” para o inimigo, éramos extremamente espirituais, zelosos e comprometidos. Meus pastores eram como um pai e uma mãe: sempre acessíveis, sempre presentes. Eu realmente acreditava que estava em um ambiente diferenciado. (Sim, pode rir — mas era exatamente o que eu pensava.)

Dentro do curso, comecei a me interessar pela **história da Igreja Cristã**, e percebi algo alarmante: **heresias antigas**, combatidas ainda nos primeiros séculos, se assemelhavam muito ao que eu vivia no meu contexto.

Eu não conhecia a História da Igreja, e como diz a Carol Bazzo: “Conhecer a história da Igreja é conhecer a nossa história”.

A partir daí, foi só “ladeira abaixo”.

Logo eu percebi algumas coisas, uns exemplos simples aqui:

Gnosticismo

Visão: O mundo material é mau, e a salvação é alcançada por meio de um conhecimento espiritual secreto (gnosis).

O que eu vivia: Na prática, eu lia a Bíblia procurando algo escondido, uma revelação oculta. Vivia em constante auto análise, tentando achar em mim

mesma algum erro, motivação errada ou rebeldia escondida.

Judaizantes

Visão: Judeus cristãos que insistiam que os gentios convertidos deveriam seguir a Lei judaica para serem salvos.

O que eu vivia: Eu sabia que Jesus havia morrido pelos meus pecados, mas ainda achava que precisava

"pagar o preço"

para manter a salvação. No meu caso, isso significava participar de encontros, eventos de libertação, grande renúncia e diversos outros — e, claro, renovar tudo anualmente, para não parecer "rebelde".

Mas calma, isso era só a ponta do iceberg.

O confronto e a saída

À medida que eu estudava as Escrituras, meus questionamentos começaram a incomodar. Não era rebeldia — era sede pela verdade.

Pode parecer bobo, mas era assim que eu via:

Jesus veio e deu início a Igreja

Os apóstolos deram continuidade do ensino

A igreja se desviou da Palavra e veio a Reforma

Passou um tempo e lá estávamos nós, "a igreja mais crente que já existiu".

Nós éramos os "verdadeiros santos". As outras igrejas? "Frias", "mundanas", "sem compromisso".

Acreditávamos ser os guardiões da santidade.

Quando comecei a estudar história da Igreja — os concílios, a Reforma Protestante, as heresias combatidas, os mártires e os erros doutrinários corrigidos à luz da Palavra — algo começou a mudar.

Meu coração se acendeu com um tipo novo de entendimento.

Eu olhava para o nosso ministério e pensava:

"isso não está certo... precisamos corrigir."

Junto a isso, havia as histórias que ouvia naquele grupo (O curso da Bolha) me fez começar a enxergar situações parecidas onde eu estava. Comecei a prestar mais atenção nas pregações, e percebi algo inquietante: não havia exposição da Palavra, apenas apontamento de pecados, experiências pessoais e sonhos.

Mesmo assim, pensei: “Está tudo bem. É apenas falta de conhecimento. Somos uma família — vou conversar com meus líderes e resolveremos isso juntos.”

Eu jamais em toda minha vida imaginei que iria sair dali, esse nunca foi o meu desejo, tudo que eu queria era dar as mãos a liderança e trabalhar para trazer a verdade das Escrituras para nosso ambiente.

Sim, eu tinha certeza que podíamos fazer isso, eu tinha certa responsabilidade, tinha acesso aos pastores daquela denominação, eu podia falar diretamente a eles o que estava errado, onde estávamos deixando a palavra de Deus e caindo em heresias.

E claro, foi exatamente o que eu fiz, eu apontei aquilo que eu entendia estar errado, as coisas que se distanciaram das escrituras.

Enviei uma mensagem (ainda a tenho, datada de março de 2021), e, lendo hoje, percebo o quanto fui gentil ao expor minhas preocupações. Mas o retorno... foi o oposto do que esperava.

Aquilo não agradava a liderança, apontar o que estava acontecendo de errado não era bom para o ministério. E toda minha empolgação, já estava eu me sentindo a própria Martinho Lutero do século 21, vamos reformar a igreja, trazer ela de volta às escrituras, tirar essas heresias que temos ensinado aqui.

Eu queria ajudar. Não queria sair dali.

Meu desejo era reformar a igreja, trazer de volta a centralidade das Escrituras.

A liderança não queria ouvir. As observações, que para mim eram construtivas, foram vistas como ameaça.

Apontar falhas não era “bom para o ministério”.

E lá estava eu, empolgada, achando que era uma espécie de Martinho Lutero do século XXI, pronta para “reformar a igreja” — até perceber que não havia espaço para reforma alguma.

Fiquei abalada.

Acreditei que tudo se resolveria com diálogo e retorno à Bíblia, mas não era falta de conhecimento — era resistência.

Eles sabiam o que era certo.

Eles não queriam mudar.

Essa constatação me desmontou.

Eu defendia aquele casal pastoral com unhas e dentes. Foram 14 anos ao lado deles. Eu os conhecia de perto, via o zelo, a dedicação.

Como poderiam não querer ajustar algo à luz das Escrituras?

Foi o início do meu **colapso espiritual**.

Passei a assistir aos cultos já sem concordar com quase nada.

A Palavra estava sendo distorcida diante dos meus olhos, e eu nada podia fazer.

E então, a pergunta começou a ecoar dentro de mim, dia e noite:

“O que vou dizer quando estiver diante de Jesus?”

Eu sabia que tinha tentado conversar.

Sabia que tinha feito o que estava ao meu alcance.

Mas agora era claro: ou eu calava a voz da minha consciência — ou eu precisava sair.

A gota final veio em um evento “profético”, no mês do meu aniversário de 39 anos, era junho de 2021, vieram “uns profetas” inglês e japoneses, e o espetáculo espiritualizado apenas confirmou o que eu já sabia: não haveria mudança.

Mas era a verdade — dura e indigesta.

Eles sabiam o que era certo, mas não queriam mudar o sistema.

Mesmo assim, tentei mais uma vez.

Entrei na sala para conversar com o coração apertado, achando que eu era a errada. Achei que estava sendo rebelde por questionar.

Afinal, “os líderes são levantados por Deus”. **Quem era eu para apontar algo?**

Mas, conforme falava, percebi que não era rebeldia — era discernimento.

Relatei manipulações, controle, excesso de atividades, distorções bíblicas.

E quanto mais eu falava, mais percebia o abismo.

A conversa terminou com um rótulo: **rebelde e desviada**.

Saí arrasada.

Sabia que, se deixasse aquele ambiente, perderia tudo — amigos, ministério, comunidade.

Já tinha visto isso acontecer antes.

Quem saía era chamado de "desviado", "rebelde", "amigo do mundo".

E eu sabia: seria o meu destino também.

Mas há algo que só quem vive em ambientes tóxicos entende — a mente é condicionada.

O pensamento crítico desaparece.

A confiança cega nos líderes substitui a confiança em Deus.

E obedecer se torna a suprema virtude.

Acreditamos que, se o líder mandasse algo, ele prestaria contas a Deus — e nós estaríamos livres da culpa.

Obedecer era "honrar o ungido do Senhor".

Questionar era "dar brecha ao inimigo".

Foram 14 anos assim.

Toda a minha vida cristã tinha se passado ali.

Eu não conhecia outro ambiente de fé.

Era uma "idiota útil", como costumo dizer hoje — alguém que obedecia cegamente, acreditando estar servindo a Deus. **Aquela igreja era o meu mundo.**

Eu jamais me atreveria a ser a rebelde de ouvir outros pregadores ou ir em outra igreja. Eu era uma idiota útil. Ou seja, obedecia cegamente as ordens dadas, não questionava, apenas aceitava e me submetia.

Outra coisa que eu pensava era, eu não tenho ninguém fora da igreja, pois é o sistema de seita te afasta das pessoas, lembra que eu disse que não tinha tempo para a família pois todos os dias tinha algo na igreja, pois é, imagina ter tempo para pessoas de fora? Isso não existia, o contato com os de fora era única e exclusivamente para trazê-los para a igreja, se a pessoa não quisesse então eu não precisava "gastar meu tempo com ela", afinal ela podia ser uma distração do inimigo para me impedir de fazer o que Deus queria.

Quero mostrar o que passava na minha mente para que você veja que a manipulação e o controle não eram escancarados, eles tinham uma "aura" muito espiritual, tudo tinha uma resposta que fazia muito sentido para nós que tínhamos aprendido daquela forma.

Eu fazia parte da segunda geração pessoas forjadas a obedecerem aos liderem em qualquer que fosse a circunstâncias, eu confiava totalmente neles, eu

confiava minha vida a eles.

Nós os da 1ª e 2ª geração replicamos o que tínhamos aprendido então as próximas gerações faziam exatamente a mesma coisa. Todos éramos treinados a obedecer, todos os ensinamentos de submissão à liderança, sondar se nosso coração estava rebelde, confessar qualquer que fosse o pensamento contrário ao que era ensinado, tudo isso era parte comum da nossa rotina. Isso sem falar nas demais obediências como díizimos, ofertas, primícias, doar nosso tempo, fazer trabalhos voluntários do que quer que precisasse.

E pensando tudo que eu iria perder caso saísse, sim apesar de não parecer, aquilo era o meu mundo, eu sabia que o perderia ao sair, e não é fácil para ninguém perder seu tudo, suas referências, seus exemplos, seu suporte, ainda bem que em nosso caso não dependíamos financeiramente, pois acredito que nestes casos deve ser ainda pior tomar uma decisão, afinal como vai sustentar a família?

Durante estes 14 anos que eu estive naquele lugar, eu cresci e me desenvolvi espiritualmente e como ser humano, eu tinha 24 anos quando cheguei na fé, era eu uma mãe solteira, que tinha deixado meu filho no Brasil com minha mãe e estava aqui morando com meu pai e querendo trazê-los para cá, com o passar do tempo, meu pai foi para o Brasil, eu me casei, fui buscar meu filho e tive uma filha que a essa altura já tinha 7 anos, tudo isso tinha acontecido naquele lugar, aquele lugar fazia parte de quem eu era, sair dali era algo muito doloroso era como perder um pedaço de mim mesma.

Hoje eu tenho força emocional e espiritual para ver facilmente o que eu precisava fazer, mas naquela época eu tinha tanto medo de sair e me afastar de Deus, eu sabia de onde eu tinha vindo, eu sei qual é a minha natureza sem Cristo, eu não queria me tornar aquela pessoa novamente, ou até pior, afinal aprendi que viriam 7 demônios que me tornaria um ser ainda pior do que eu era antes de conhecer Cristo.

E se eu me desviasse, e se eu não encontrasse uma igreja para congregar?

Será que existia uma boa igreja? Ou todas as igrejas seriam iguais?

Sair seria perder tudo.

Esses pensamentos me perseguiram.

Hoje, olhando para trás, vejo com clareza.

Na época, **eu só via confusão e culpa.**

O Espírito Santo, paciente e fiel, foi me conduzindo.

Como diz o apóstolo João:

“E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.” João 8:32

Foi um processo lento e doloroso, mas foi o começo da minha libertação e também havia paz — uma paz que há muito tempo eu não sentia. Eu não estava fugindo de Cristo. Eu saía para permanecer com Ele.

“Mesmo quando o alicerce do mundo se desfaz, Deus permanece o mesmo.” – John Piper

A reconstrução

Se há algo que aprendi nessa jornada é que Cristo é suficiente. Nenhuma instituição, líder ou ministério pode ocupar o lugar que pertence a Ele.

Mesmo quando tudo desaba, o amor de Deus permanece firme — como um fundamento que jamais se move.

“O Senhor é a minha rocha, a minha fortaleza e o meu libertador.”

Salmos 18:2

E compreendi algo essencial:

A casa pode ser destruída, mas se o alicerce é Cristo, há esperança.

Mas fiz o que era necessário?

Fiz?

Calma, vou te contar exatamente como se deu meu desligamento.

Como ocorreu a mudança

Preciso ser muito sincera: queria poder dizer que fui lá, falei o que precisava e pronto — mas não foi assim. Cada pessoa passa por esse processo de maneira diferente, e comigo não foi diferente.

Era uma terça-feira quando fui conversar com os pastores. **Foi a conversa final.** Terminamos com eles orando para que eu me submetesse à liderança, enquanto eu saía da sala com o peso de ser rotulada como rebelde.

Meu marido, por motivo de trabalho, não pôde ir naquele dia — ele foi apenas na quinta-feira, dois dias depois.

Não posso falar tudo o que ele sentiu, mas sei que, mais do que eu, ele percebia que havia algo errado. Sempre trabalhou muito para sustentar a nossa

família e, por isso, não se envolvia tanto com as atividades diárias da igreja quanto eu.

Mesmo assim, é um homem da Palavra. Lê a Bíblia com seriedade e discernimento — o que, naquele ambiente, era visto quase como um ato de rebeldia. Se algo não estava nas Escrituras, ele simplesmente não aceitava. Meu marido é pacífico, não entra em discussões apenas para ter razão. Ele segue em frente, em paz. E isso, acredite, o tornava "suspeito" dentro de um sistema que exigia obediência cega.

Ele chegou ao Japão em 2006, com 18 anos, e começou a frequentar a igreja levado por um primo. Encontrou Cristo ali, e desde o início tinha um profundo desejo de estudar teologia. Mas esse desejo não foi encorajado. Pelo contrário: diziam que "a letra mata", que a teologia "esfria o crente", que quem estuda demais "perde a unção".

Ele ouvia isso e engolia o sonho — e com o tempo, foi visto como "aquele que não aceita ser contrariado". Sim, era esse o tipo de manipulação que acontecia. Só quem viveu entende esses padrões sutis. Quando estamos dentro do sistema, nada disso parece ruim; parece "zelo espiritual".

A conversa dele com os pastores aconteceu naquela quinta-feira. Não sei o que foi dito, mas imagino o teor: palavras duras sobre ele, sobre mim, sobre nossa família. Ele preferiu me poupar — **e eu o agradeço por isso.**

Dentro daquele ambiente, a confissão de pecados era comum — e, em essência, é algo bíblico. Tiago 5:16 diz: "Confessem os seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para serem curados."

Mas ali, a confissão não trazia libertação; trazia prisão. Nossos pecados, fraquezas e dores eram usados como armas. Aquilo que deveria ser um ato de cura tornou-se uma forma de controle.

A liderança guardava cada confissão como munição. Se alguém se mostrasse insatisfeito, fosse contra uma direção ou desejasse sair, tudo o que havia sido confessado era usado contra a pessoa — como chantagem espiritual.

E o pior: ameaçavam dizendo que, fora dali, não haveria "**cobertura espiritual**", e que os demônios que antes nos atormentavam voltariam. O medo se tornava uma coleira invisível.

Enquanto escrevo isso, penso em quem nunca viveu algo assim — pode parecer exagero, até ficção. Mas não é. Cada linha é verdade. Infelizmente, há muitas pessoas que confirmariam essa história.

E é por isso que estou escrevendo. Passaram-se cinco anos desde que comecei a enxergar os erros, e nesse tempo vi muita gente sofrendo o mesmo tipo de manipulação e dor.

Hoje, quero contar minha história — não porque esteja totalmente curada, mas porque encontrei o caminho da libertação em Cristo.

Não quero que ninguém demore tanto tempo lutando dentro de si, achando que está sozinho.

Você não está sozinho. Eu entendo o que você está passando. E, se você permitir, quero te dar a mão e caminhar ao seu lado nesse processo.

Voltando àquele momento: na quinta-feira, quando meu marido voltou da reunião, já era tarde. Eu estava ansiosa, sem conseguir dormir. Assim que entrou em casa, ele disse apenas:

“Pode procurar outro lugar pra gente ir. Estamos desligados.”

Foi isso. Nenhuma mensagem de despedida, nenhuma conversa, nada.

Saí por conta própria dos grupos da igreja. Escrevi mensagens pessoais para algumas pessoas que eu tinha mais contato. **Mas para quem ficou nós éramos leprosos espirituais.**

Tudo bem, sabia que isso aconteceria, quantas e quantas vezes isso tinha acontecido antes, **e eu era a pessoa que parava de falar com os que tinham saído.**

Mesmo assim, em cada mensagem que enviei, deixei claro: estávamos saindo da igreja, mas não de Cristo, eu tinha esperança de que me entendessem, mas quem tá neste sistema não enxerga, por mais difícil que seja, é assim que funciona.

Não queríamos acusar ninguém. Assumimos a responsabilidade, porque sabíamos que estávamos fazendo o que era certo.

Mas é isso que um **sistema manipulador faz** — ele destrói você por dentro, eu tinha medo, medo de falar mal de alguém que quase destruiu-me, mas sim tinha medo.

Naquela noite, finalmente dormi. E quando acordei, era sexta-feira. Pela primeira vez em catorze anos, eu não tinha nenhum compromisso. **Era muito estranho estar em casa.**

Mais estranho ainda era ver todos nós — uma família de quatro pessoas — juntos, sob o mesmo teto, **e perceber que éramos, desconhecidos uns dos**

outros.

Como era minha rotina

Quero contar um pouco da minha rotina para que você se reconheça — ou, ao menos, para que entenda o que acontece dentro desse tipo de sistema.

Essa rotina é comum a quase todos. Só os que não aderem ao sistema costumam opor-se a ela — e aí frequentemente são rotulados como rebeldes, pessoas que “ainda amam o mundo” ou que “não se converteram genuinamente”.

Cheguei como uma jovem solteira à igreja. Lá estava eu, todas as quartas-feiras, no culto de oração — e confesso: aquilo foi muito bom para mim. Aprendi a orar orando. Passávamos uma hora (às vezes mais) de joelhos, clamando a Deus por nós mesmos, pelas famílias e pela igreja. Tenho guardadas no coração muitas experiências com Deus nesses dias.

Mas continuando...

Além das **quartas-feiras**, quando havia o culto de oração, **sexta era o dia da célula — um pequeno grupo que se reunia nas casas para aprender mais da Palavra de Deus.**

Sábado havia alguma programação para os jovens.

Domingo, o culto.

E, por um tempo, isso parecia possível.

Afinal, éramos jovens. Tínhamos energia, vontade e poucos compromissos fora da igreja.

Aos poucos, a comunidade se tornava nossa rede de apoio — a igreja passava a ser mais importante que a família.

Sabíamos mais da vida dos “irmãos” do que dos nossos próprios pais.

Lembra que cheguei à igreja como uma jovem solteira? Pois é.

Com o tempo vieram os casamentos — famílias formadas dentro do próprio sistema.

Eu já não era mais a moça livre de antes; era uma mulher casada, mas que continuava fazendo mil coisas na igreja. Se sobrasse tempo, fazia algo em casa.

Minha família não era minha prioridade, e para ser sincera, nem Deus era.

Porque nos foi ensinado que **fazer coisas na igreja era o mesmo que servir a Deus.**

Hoje sei o quanto isso foi **devastador** para minha família.

Servindo sempre

Minha casa, meu marido, meus filhos — nada disso era prioridade.

Fui ao Brasil buscar meu filho. Um tempo depois, nasceu minha 2ª filha.

Ela tinha apenas um mês quando eu estava — acredite — **servindo em um Encontro com Deus.**

Sim, eu também fico chocada ao lembrar.

Ninguém me obrigou. Eu fui porque acreditava estar fazendo o certo.

Ah sim, meu marido achou um absurdo, claro.

Mas ficou em silêncio — afinal, se falasse, seria rotulado como “alguém que atrapalha os planos de Deus”.

Quero que entenda: **eu amava a igreja.**

Amava servir. Amava estar ali. Aquilo me dava propósito, alegria, sensação de estar fazendo a vontade de Deus.

Eu precisava estar sempre “fazendo algo”. O sistema te vicia — como um entorpecente.

Eu era essa pessoa, mesmo casada, com dois filhos, continuava envolvida em tudo.

A **“segunda-feira”**, o famoso dia da família, era só isso — o resto da semana era engolido por programações.

O resultado?

Eu tinha uma noite por semana para cuidar da casa, educar meus filhos, descansar e ser esposa.

Impossível!

Mas se eu priorizasse minha família, diziam que eu estava “colocando ela no lugar de Deus”.

Era um peso terrível — um falso senso de espiritualidade que, na verdade, destruía lares.

Foram quatorze anos. Então, deixo aqui um breve resumo de como estava minha rotina pouco antes de sair daquele lugar:

- Segunda-feira: “Dia da família” — a única noite sem compromisso na igreja. Era celebrado como algo especial, quase simbólico.
- Terça e quinta: um dos dias era “intercessão” (muitas vezes mais parecida com uma roda de fofoca disfarçada de oração, ou saídas pelas ruas para atos “proféticos” que, na verdade, eram patéticos). O outro dia era a Escola de Teologia. Sim, havia escola — mas, no fim, era inútil, pois após cada videoaula o pastor vinha explicar o que devíamos pensar sobre o assunto.
- Sexta-feira: célula. Ai de quem não participasse ativamente — era considerado rebelde.
- Sábado: reuniões de liderança, eventos de jovens, casais, ministérios... Sempre havia algo. Às vezes no planejamento era “yasumi” (folga), mas logo surgia uma reunião “demasiadamente importante” para adiar.
- Domingo: culto. Era preciso chegar horas antes para preparar algo ou servir em algum ministério.

Sim, todos os dias havia algo.

Moro no Japão — e a realidade da fábrica aqui é pesada: de 8 a 12 horas de trabalho, mais o tempo de transporte, o almoço e os intervalos.

No fim, o dia útil de um trabalhador chega fácil de 10 a 14 horas fora de casa, a realidade em muitos lugares no mundo não apenas no Japão.

Ainda assim, pensava: “Dormir pra quê? Descansar? Isso é para o céu. Aqui temos de trabalhar para Deus.”

E era exatamente assim que eu vivia.

Se eu não tivesse tempo para minha família, tudo bem — afinal, eu estava “fazendo para Deus”, e Ele cuidaria dos meus enquanto eu cuidava dos d’Ele. Sim, era isso o que nos ensinavam!

Se eu deixasse de fazer algo na igreja para cuidar da minha família, estava sendo “rebelde”, “egoísta”, “idólatra” — colocando minha casa no lugar de Deus.

Era um absurdo, mas eu acreditava.

E por isso vivia me arrependendo, me sentindo uma miserável que só pensava em mim mesma.

Vivia assim — e claro, os conflitos com meu marido eram constantes. Eu nunca estava em casa.

Muitas vezes ele ia direto do trabalho para a igreja, mas às vezes só queria descansar.

Então ele era considerado “um rebelde egoísta”.

Eu, por outro lado, era “super espiritual” — **nem doente deixaria de cumprir um compromisso.**

Quando acontece a inversão dos valores

Hoje me envergonho, mas é a verdade: muitas noites, chegava em casa e fazia nuggets ou salsichas para as crianças.

Dizia: “Gui, cuida da sua irmã que a mamãe já volta.”

E ia para a igreja, voltando perto das 23h, muitas vezes mais do que isso.

Me sentia super crente. “Estou fazendo a obra de Deus. Nada pode me parar.”

Tinha entendido errado as palavras de Jesus:

“Quem ama pai ou mãe mais do que a mim não é digno de mim.” Mt 10:37

Na minha cabeça, significava abandonar tudo em nome da igreja.

Mas o que Cristo queria dizer é que Ele deve ser o centro — não a instituição, não as atividades.

Eu havia confundido obra de Deus com trabalho religioso. **Falo tudo isso com vergonha, mas com sinceridade.** Porque sei que muitos viveram o mesmo.

E quero que você perceba que não está sozinho. Fomos enganados. **Fizemos o errado acreditando fazer o certo.**

Esses ambientes criam dependência física, emocional e espiritual.

Quando o engano parece dar certo

O mais difícil é que, enquanto tudo isso acontece, **você vê Deus agindo.**

Há conversões genuínas, vidas transformadas, casamentos restaurados.

E isso me encorajava a continuar. Eu pensava: **“Deus está aqui, estou sendo obediente a Ele.”**

E, sem perceber, transferia as responsabilidades para Deus:

“Senhor, eu cuido da Tua casa, e o Senhor cuida da minha.”

Mas isso não é fé — é fuga, nada disso passa na nossa cabeça na hora, só depois que me dei conta dessas situações.

É como se dissesse: “Deus, estou fazendo a Tua obra aqui. Agora faz a Tua parte aí também.”

E até aquele dia — aquela quinta-feira — em que nos desligamos oficialmente daquele ministério.

Mas antes de melhorar... ainda iria piorar. Então, respira.

Ter experiências espirituais pode confundir.

Por que Deus se manifesta em lugares assim? Não seria melhor que Ele não se manifestasse, para que as pessoas se afastassem? **Não tenho respostas. Sei apenas que Deus é bom, que Ele ama as pessoas e que se manifesta onde há clamor sincero.**

Por mais difícil que seja aceitar, **existe gente que teme a Deus nesses lugares** — pessoas que o amam de todo o coração, mas estão, ainda assim, genuinamente enganadas. Não sei se todas chegam a perceber o engano; muitas passam a vida sem enxergar o que está acontecendo. Acredito, porém, que quando alguém enxerga, chega um momento de decisão: **ficar ou sair.**

Alguns escolhem calar a consciência e permanecer; desses, só Deus sabe o destino. Esse era o meu maior pavor: eu havia visto — e não podia calar-me deliberadamente.

Se eu optasse por silenciar minha consciência, pousaria sobre mim a acusação de ter enxergado a verdade e a ignorado. Se isso acontecesse, como poderia, com sinceridade, encarar Cristo? Não haveria desculpa que me justificasse. Preferi enfrentar a dor de perder tudo do que viver diante de Deus com a consciência cauterizada.

Posso dizer com convicção que há pessoas que nunca percebem o engano — e creio que Deus terá misericórdia delas.

Mas há também as que escolhem deliberadamente cauterizar a mente: fechar os olhos, calar o Espírito, manter aparência, cargo, amizades ou status. Essas

escolhas são tristes, porque mostram alguém preferindo a aprovação humana ao temor de Deus. Cada um, no fim, prestará contas ao Senhor.

Não me considero superior; apenas fui uma entre muitos que, ao enxergar, não teve paz em continuar. Sei que outros também travaram essa batalha interior. É uma guerra espiritual.

E os resultados mostram quem tomou qual caminho: aqueles que escolheram “perder tudo” por amor a Cristo trilharam o caminho doloroso, porém justo; os que se submeteram ao sistema terão de lidar com suas escolhas.

A Bíblia nos incentiva a discernir: os crentes de Beréia examinaram as Escrituras para conferir se o que ouviam era verdade (Atos 17). Não é hipocrisia julgar o ensino; é responsabilidade.

Use seu pensamento crítico, compare com as Escrituras e peça a Deus luz para ver o que talvez você ainda não enxergue.

A fase que vem a seguir é a mais difícil deste processo — é dolorosa, exige coragem e honestidade —, mas pode ser enfrentada com honra. Com Cristo, você pode passar por isso.

Vai piorar, sim. **Mas vai melhorar. Com Cristo, tudo vai ficar bem.**

A Sexta Feira

Aquela sexta-feira foi atípica. Não havia compromissos obrigatórios na igreja, era estranho ser livre.

Mesmo com a pandemia e todas as restrições, eu não podia me entregar ao conforto de cultos online.

Não. Para mim, isso não bastava. **Eu precisava de um local físico saudável para congregar**, um local onde pudesse ouvir a Palavra, crescer, aprender e, sim, eu tinha medo de me afastar da igreja e não conseguir mais congregar.

E nesse momento, eu tinha que ser prática: encontrar uma igreja bíblica próxima seria o desafio.

Peguei meu celular e abri o Google Maps:

“Igreja reformada”.

Três opções apareceram: uma em Okazaki, uma em Kuwana e outra em Yokkaichi, onde morava.

Yokkaichi deixei como última opção — sabia pouco sobre aquela igreja e, naquele momento, queria distância do que era familiar.

Okazaki ficava a duas horas daqui — uma distância que, a longo prazo, poderia ser desculpa para não irmos.

Então decidi por **Kuwana** — a do meio.

Então fomos a Kuwana — a igreja do meio, como brinquei. Mas eu estava preparada para Okazaki, se necessário.

Enviei mensagem para o número listado e perguntei se haveria culto presencial, considerando as restrições da pandemia. Quando recebemos a confirmação do horário, **lá estávamos nós no domingo**: eu, meu marido e nossa filha de 7 anos.

Meu filho já era “adulto” e morava conosco.

Não podia obrigá-lo a mudar tudo de repente, mesmo sabendo o que estava acontecendo, eu sabia muito menos do que sei hoje, muita coisa a gente só se dá conta quando estamos fora do ambiente tóxico.

Mantivemos a comunicação aberta, explicando a situação, mas respeitando o discernimento dele. Hoje, sei que eu faria diferente — tentaria levá-lo junto —, mas naquele momento, foi o que achei certo fazer.

Ao chegar à igreja, fiquei chocada. Não pelo tamanho — Graças a Deus era pequena, e isso me agradou.

O choque foi pelo tipo de igreja. Eu queria uma igreja reformada, mas nunca tinha frequentado uma de verdade.

Mesmo sem os elementos que costumam mexer com as emoções, percebi que ali havia algo que jamais encontraria em qualquer performance espiritual: **um coração genuíno adorando a Deus.**

No primeiro culto, fui sincera com o pastor.

Contei a situação do antigo ministério, sem criticar ninguém, apenas expondo fatos. Ele ouviu com atenção e **sem julgamentos.**

Depois, pedi para conversar com a missionária da igreja. Queria ser **transparente**, mostrar minhas feridas e esclarecer que, naquele momento, não estava disponível para servir em nada.

Apenas **queria ouvir a Palavra, aprender e me restaurar.**

Eles foram pacientes, compreensivos, sem pressa ou cobrança.

Foi nesse momento que comecei a entender algo fundamental: **existem igrejas saudáveis, mas elas podem não ser “como eu esperava”.**

E aqui ali, sentadinha, eu aprendi muito:

Não é o louvor que mexe com suas emoções que garante que você está em um lugar saudável.

Não é o ritmo, a dança ou a música que define a presença de Deus.

Deus habita onde corações verdadeiros O glorificam, independentemente do estilo musical.

Aquela sexta-feira marcou **o início de uma nova etapa**, um passo em direção à liberdade e à verdade.

E, ainda que o caminho à frente fosse desafiador, eu já sabia que com Cristo tudo ia ficar bem, mesmo havendo dias que eu só queria que tudo acabasse logo, **como desejei o retorno de Cristo nestes dias, sim, eu não queria passar por aquele sofrimento.**

Os Primeiros Cultos e a Adaptação

O primeiro culto em Kuwana foi um choque — mas de uma forma boa.

Não era nada como eu estava acostumada: sem danças, sem louvores emocionantes, sem aquela correria física de fazer alguma coisa.

Mas, paradoxalmente, algo profundo aconteceu: **senti uma paz que há tempos não sentia.**

Ali, o foco não era em impressionar ou gerar experiências, **mas exaltar a Deus com simplicidade e verdade.**

Meu coração começou a se acalmar.

Percebi que o estilo da igreja não define a presença de Deus, mas sim o coração do adorador.

E isso me trouxe um alívio enorme: não precisava mais correr, competir ou provar nada a ninguém.

Podia apenas ser, ouvir e aprender.

As pessoas da igreja eram diferentes.

Tudo era conduzido **com respeito, paciência e amor genuíno.**

Fui acolhida, mas também deixada com espaço para respirar e processar os anos de manipulação que carregava comigo.

No começo, minha mente estava confusa, eu tinha o pé atrás, eu desconfiava de tudo, qualquer coisa que era dita, eu já pensava se não estava sendo uma forma de manipulação, eu não queria me enganar novamente, mas graças a Deus, eu realmente estava em um lugar saudável.

Era difícil acostumar-se à **liberdade saudável**: poder ouvir a Palavra sem medo, participar sem ser manipulada, descansar sem culpa.

Cada culto **me lembrava que Deus não está preso a sistemas humanos**, mas age onde há sinceridade e entrega verdadeira.

Meu coração começou a se restaurar.

Aprendi a ouvir mais, agir com sabedoria e discernir onde realmente Deus estava trabalhando.

Aprendi algumas lições importantes desde os primeiros encontros:

- **Servir não é obrigação, é oportunidade** – não precisava provar nada para Deus ou para líderes humanos.
- **Família e cuidado doméstico importam** – não se trata de idolatrar a igreja, mas de equilibrar o chamado espiritual com responsabilidades reais.
- **Discernimento é essencial** – cada ensino deve ser confrontado com a Bíblia, não com tradições humanas ou padrões de manipulação.
- **Deus opera em corações sinceros** – não depende de estilo musical, entusiasmo emocional ou programas grandiosos.

Com o tempo, comecei a perceber que a **liberdade saudável gera crescimento verdadeiro**, tranquilo, sem pressão, sem cobranças.

A experiência me ensinou algo fundamental: **uma igreja saudável não te prende, te liberta; não te manipula, te ensina; não te acusa, te corrige com amor.**

E, mesmo que os primeiros passos tenham sido tímidos e cheios de cautela, comecei a reconstruir minha vida espiritual, emocional e familiar — sem culpa, sem pressa e, principalmente, com a certeza de que **Deus sempre honra quem busca a verdade.**

Reconheço: fui vítima, mas também culpada

Sim, eu fui vítima — mas também fui culpada.

Reconhecer o próprio pecado diante de Jesus é essencial. E, se você encontrar alguém de confiança com quem possa abrir o coração, é ainda melhor.

Foi muito doloroso perceber que eu havia feito com outros o mesmo que haviam feito comigo. Toda manipulação, ensinamentos distorcidos, exigências religiosas — eu também participei disso. Fui autora desses pecados. Mesmo que por ignorância, fui eu quem os cometi.

Mas o sangue de Jesus é suficiente para perdoar todo pecado 1 Jo 1:7.

Talvez você, assim como eu, tenha demorado demais para sair, causando estragos pelo caminho. Talvez estivesse em uma posição de liderança e, ainda que sem intenção, acabou conduzindo outros ao mesmo engano.

Reconheça isso diante de Deus. Peça perdão e receba o perdão que Deus dá.

Ore para que Ele te ajude a se perdoar, e confie que é poderoso para trazer luz à vida daqueles que foram prejudicados pela sua ignorância.

"Deus é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo o que pedimos ou pensamos" Ef 3:20.

Ele pode reescrever histórias, abrir olhos e transformar vidas — assim como fez com a minha.

Paulo é um exemplo vivo disso.

Antes de conhecer Jesus, perseguia cristãos com zelo religioso: prendia, açoitava, destruía famílias, achando servir a Deus. **Até que um dia Cristo lhe apareceu no caminho de Damasco, e ele enxergou que estava sinceramente enganado.**

De perseguidor da Verdade, tornou-se pregador do evangelho. Muito do Novo Testamento foi escrito por esse homem transformado pela graça.

Se Deus fez isso com Paulo, pode fazer conosco também.

Eu precisava ficar sentada

A pausa que liberta Parar não significa fracassar. Parar não é preguiça ou falta de fé. Parar é **coragem espiritual**.

É dizer: "*Senhor, hoje não vou me definir pelo que faço, mas pelo que Tu és.*"

No sistema manipulador, aprendemos que servir é sinônimo de estar próximo de Deus. Mas Deus não nos mede pelo quanto fazemos ou quantas tarefas completamos. Ele nos mede pelo **coração**, pelo **temor genuíno**, pelo **amor verdadeiro**.

E quando eu finalmente aprendi a sentar, a ouvir, a refletir, percebi que **meu serviço não precisava ser barulhento ou visível**. O serviço verdadeiro nasce de dentro, da transformação do coração. Durante esse período de silêncio e descanso, comecei a perceber **como meu ativismo religioso havia me cegado**.

Eu tinha trocado tempo com meus filhos por compromissos, minha saúde por metas, minha mente por regras humanas. Eu tinha confundido **fazer para Deus** com **obedecer a homens**, e isso me afastava do que realmente importa: **viver em comunhão com Ele**.

Parar me ensinou o valor do **tempo com Deus**, do **estudo paciente da Palavra**, da oração que não tem agenda e da contemplação do Espírito. Foi doloroso, mas libertador. Foi como aprender a respirar depois de anos de sufoco.

Cada minuto sentada, cada silêncio, era um passo para **reconstruir minha liberdade espiritual**.

Redescobrimo a Palavra e o Verdadeiro Serviço

Enquanto eu permanecia sentada, ouvindo a Palavra sem me mover, algo começou a acontecer dentro de mim: percebi **como eu havia lido a Bíblia por anos com lentes coloridas**, lentes que me foram dadas pelo sistema.

Eu lia, mas já interpretava tudo através daquilo que me ensinaram: regras, tradições, medo, obrigação. Nada daquilo estava errado para o que eu conhecia, mas aquela era uma **versão distorcida** da Palavra, então interpretava qualquer coisa com o filtro que a seita me ensinou a usar, eu precisava tirar aquele implante que me puzeram.

Ao finalmente parar, comecei a abrir espaço para Deus me mostrar o que Ele realmente queria dizer. Sem a pressa de servir, sem a culpa de não estar fazendo nada, comecei a **ler, estudar e comparar as Escrituras** por mim mesma. Somente conhecer a Palavra verdadeira remove os filtros implantados pelo ensino errado das escrituras.

Descobri que muitas práticas que eu acreditava serem santas eram, na verdade, fruto de manipulação e tradições humanas. Foi doloroso reconhecer isso, mas também libertador.

Essa descoberta foi o início de um **novo tipo de serviço**: um serviço que não se mede pelo que os outros veem, mas pelo que Deus vê no coração. Antes, servir significava estar sempre ocupada, sempre visível, sempre produtiva; agora, servir começou a significar **obedecer a Deus com discernimento, amor e verdade**, mesmo que isso significasse **não fazer nada que o sistema exigisse**.

Eu aprendi que o verdadeiro serviço **nasce da liberdade espiritual**. Não é sobre cumprir tarefas para ganhar aprovação humana, nem sacrificar a família ou a saúde para provar devoção.

É sobre **permitir que Deus transforme o coração**, para que cada ação, palavra e escolha reflita Sua vontade e não o sistema que nos enganou por tanto tempo. E essa liberdade trouxe algo incrível: a capacidade de enxergar a igreja e os irmãos com **olhos de compaixão, não de obrigação**.

Agora, sei de verdade que **meu valor não está no que faço, mas em quem sou em Cristo**.

Foi nesse período de pausa que entendi: **Deus nos ensina a servir não pela quantidade de trabalho, mas pela qualidade do coração**. Cada oração, cada estudo da Palavra, cada momento de silêncio com Ele passou a ter peso eterno.

E isso me deu forças para seguir, mesmo sabendo que o caminho de libertação não seria curto nem fácil. Sentar, ouvir, absorver — isso foi o começo da **reconstrução da minha fé**, da minha família, do meu discernimento e da minha vida espiritual. Foi o ponto onde aprendi que **liberdade, estudo e obediência a Deus** são mais valiosos do que qualquer ministério, cargo ou reconhecimento humano.

Sim, era isso que eu precisava: **ficar sentada**. Não ajudar ninguém, não fazer nada, não tomar iniciativa alguma. Para muitas pessoas isso seria simples, tranquilo até, mas não para mim. Eu sempre fui ativa, dinâmica, aquela que gosta de servir, de se envolver, de colocar a mão na massa. **Mas naquele momento, tudo que eu devia fazer era não fazer nada.**

Sentar naquela cadeira era uma luta. Eu fechava os olhos e falava com Deus:

"Deus, eu não estou vendo nada. Eu não vou sair daqui. Eu vou ficar sentadinha, apenas ouvindo a Palavra."

Era uma batalha contra mim mesma. Durante 14 anos, meu valor havia sido medido pelo quanto eu fazia pela igreja, pelo quanto eu estava envolvida, pelo quanto eu era reconhecida pelo sistema. Eu era dependente emocionalmente, espiritualmente e fisicamente. Sempre havia algo a ser feito. Deixar tudo isso de lado, mesmo que temporariamente, parecia impossível.

E havia outro medo: **não cair no ativismo religioso de novo**. Eu não queria repetir os erros do passado, não queria me deixar enganar pelo mesmo sistema manipulador que havia me moldado por tantos anos. Eu tinha testemunhado vidas transformadas, famílias restauradas, crianças sendo disciplinadas — mas ao mesmo tempo, eu sabia o preço que pagava minha família, minha saúde, meu descanso, meu tempo de silêncio diante de Deus. Eu precisava aprender **a simplesmente estar na presença de Deus**, sem agenda, sem tarefas, sem justificativas, sem méritos humanos.

Sentar era minha forma de resistir. Resistir à velha programação, à necessidade de reconhecimento, à culpa imposta pelo sistema manipulador, e principalmente resistir à minha própria natureza ativa que sempre queria "fazer

algo" para Deus. Era hora de **ouvir**, de **absorver**, de **deixar Deus trabalhar dentro de mim**, e não através de mim.

Ficar sentada não era apenas um ato físico: era uma decisão espiritual. Era **abrir espaço para que Deus curasse minhas feridas**, revelasse minha cegueira e me libertasse da pressão de sempre ter que fazer algo. Era uma pausa para aprender a viver pela graça, e não pelo desempenho. E, acredite, isso é **muito mais difícil do que qualquer serviço que já fiz na igreja**.

Encontrando uma igreja saudável

Foi assim que chegamos à igreja que frequentamos hoje. No primeiro culto, já fui transparente com o pastor: contei nossa história, expliquei o que havia acontecido e deixei claro que não iria fazer nada, apenas ficar sentada no banco ouvindo a Palavra.

Minha prioridade naquele momento era **aprender, ouvir a Palavra e permitir que Deus curasse nossas feridas**. E essa transparência foi recebida com paciência e compreensão, sem julgamentos ou imposições.

E claro, eu analisava tudo que era pregado, eu precisava confiar que aquele lugar não era igual ao local de onde eu tinha saído, ali era um lugar seguro, mas eu precisava ter certeza, e eu olhava não o que tinha escrito no papel, não o estatuto da igreja ou o manual dos membros, eu via o dia dia, a prática.

E ali eu vi, não era sobre atividades constantes, ou o ritmo de louvor que mexe com as emoções ou exigências de presença e serviço. É sobre a Palavra pregada fielmente, a comunhão genuína e o cuidado uns pelos outros sem agendas escondidas.

E foi nesse contraste que percebi o quanto **havíamos sido enganados**. O que antes era considerado devoção — trabalhar sem descanso, sacrificar a família, ser constantemente usada como exemplo de "espiritualidade ativa" —, agora se mostrava **uma forma de escravidão espiritual**. A verdadeira igreja bíblica, a

que Deus honra, permite que você **cresça em fé e conhecimento sem se perder de si mesmo.**

Ali foi e é meu lugar de cura, um lugar onde voltei a confiar nas pessoas, um lugar onde posso abrir meu coração sabendo que não vão usar isso como arma, mas um lugar que se importa em me fazer uma discípula de Cristo.

Nos tornamos membros naquela igreja alguns meses depois, aceitos por aclamação. Eu não queria trazer nada comigo daquele lugar de onde saí; não queria relatórios, cargos, ocupações, não queria nada daquele lugar, apenas queria me ligar ao Corpo de Cristo.

O processo que se deu nesses quatro anos **não foi fácil**. Houve dias difíceis, dias insuportáveis, mas em todos os dias, o Senhor esteve comigo; nenhum dia eu estive sozinha.

Algum tempo depois iniciou um pequeno grupo, e eu comecei a participar. Eu sabia que precisava dar **pequenos passos**, e naquele grupo Deus me restaurou muito. Hoje, posso dizer com segurança: pode parecer impossível confiar em alguém agora, mas **passando pelo processo, tudo ficará bem**. Hoje tenho pessoas que oram por mim de verdade, que se importam comigo e com minha família, e que me fizeram amar o corpo de Cristo novamente. Defeitos, claro, existem — eu os tenho também — mas o **amor cobre uma multidão de pecados**.

Mesmo algo que parecia pequeno — o fato de que ninguém precisava me obrigar a ajudar, nem medir minha espiritualidade pelo quanto eu estava envolvida — já mostrava a diferença. Aqui, **a liberdade de aprender, servir e crescer é um reflexo do amor e da graça de Deus**, não do medo ou da obrigação.

Essa experiência me ensinou algo crucial: **não é o volume de atividades ou a intensidade do serviço que mede a espiritualidade**, mas o coração que busca a Deus com sinceridade e discernimento. E, mais importante, que **Deus pode**

restaurar vidas, famílias e corações, mesmo depois de anos vivendo sob manipulação e engano.

Assim, após anos de confusão, dor e ativismo religioso, encontramos um lugar onde **podemos servir sem medo, amar sem cobrança e aprender sem pressão**. Um lugar que honra a Palavra e prioriza o crescimento verdadeiro em Cristo.

Resumo do meu Processo Até Outubro - 2025

1. Encontro com Cristo (24 anos)

Eu conheci Cristo e iniciou meu desenvolvimento espiritual. Uma fé genuína, cheia de desejo de servir, mas ainda sem discernimento pleno sobre o que estava certo ou errado.

2. Vida no ministério/igreja manipuladora (14 anos)

- Participação intensa em atividades da igreja, quase sem tempo para família ou descanso.
- Aprendizado com uma interpretação **pré-formatada da Bíblia** — lendo, mas filtrando tudo pelas lentes do ministério.
- Desenvolvimento de dependência emocional, espiritual e até física da igreja, para alguns financeira também.
- Experiências espirituais que podem nos confundir: ver Deus agir mesmo dentro de um sistema tóxico.

3. Primeiros sinais de engano

- Percebi as contradições entre ensino e prática, entre Bíblia e regras do ministério.
- Comecei a estudar a história da Igreja, heresias já combatidas e padrões de manipulação.
- Reconhecimento do pecado e da minha participação em ações que enganavam outros.

4. Decisão de sair

- Percepção de que o sistema não seria reformado.

- Enfrentamento da dor de deixar tudo para trás: amigos, ministérios, toda uma vida.
- Descoberta de que a liberdade espiritual exige **parar e me colocar diante de Deus**, sem distrações ou obrigações.

5. Busca por uma igreja saudável

- Pesquisa, visitas e discernimento sobre igrejas bíblicas.
- Primeiro choque cultural: igreja reformada, simples, sem ênfase em experiências ou louvores emocionais.
- Aprendizado de que **Deus não depende do estilo humano** para agir no coração das pessoas.
- Percepção de que o descanso, a paciência e o aprendizado constante fazem parte do crescimento espiritual.

6. Processo contínuo de aprendizado

- Estudo da Palavra sem filtros do sistema antigo.
 - Reconhecimento de feridas, traumas e erros passados.
 - Descoberta de que o processo de libertação e amadurecimento espiritual é **progressivo, multifacetado e contínuo**.
 - Paixão renovada pela história da Igreja e pelo estudo bíblico autêntico.
-